Rap de direita, neutralização e sabedoria conciliadora: uma crítica à fala de Criolo

A fala de Criolo sobre o chamado "rap de direita", formulada em entrevista ao TOCA UOL durante a circulação do encerramento da turnê *Criolo 50* no Espaço Unimed, em São Paulo, é emitida por um artista plenamente consagrado, celebrando cinquenta anos de vida, dono de um grande capital simbólico acumulado ao longo de décadas, falando a partir de um lugar de prestígio estabilizado, de reconhecimento intergeracional e de circulação ampliada muito para além do campo estrito do rap. O show de encerramento dessa turnê aconteceu em 10 de abril de 2026, no Espaço Unimed, e o trecho da entrevista teve mediação de Thiagson.

O entrevistador não é um personagem qualquer jogado aleatoriamente no circuito de mídia musical. Thiagson é pesquisador de música, doutor em Musicologia pela ECA-USP, mestre pela UNESP, professor de música, autor de livro sobre funk e comunicador que construiu presença pública a partir da defesa da legitimidade estética, social e histórica dos gêneros periféricos, especialmente o funk, em confronto com o moralismo, o elitismo acadêmico e a desqualificação cultural dirigidas contra a produção popular das periferias. Em perfis e entrevistas recentes, ele se mostra como alguém que busca "desmistificar o som periférico", que entende a música como inseparável da sociedade, que critica a tecnicização abstrata da experiência musical e que insiste na necessidade de fazer o conhecimento sobre essas expressões retornar às comunidades que as produzem.

Esse dado é importante porque ele qualifica o ambiente da entrevista. Não se está diante de um apresentador hostil à cultura periférica, nem de um jornalista completamente externo ao universo que interroga. Ao contrário: Thiagson fala de dentro de uma tradição contemporânea de mediação que combina pesquisa acadêmica, circulação digital e defesa pública das linguagens musicais marginalizadas. Isso confere à pergunta um peso. Quando ele provoca Criolo em torno do "rap de direita", a questão não visa o escândalo vazio, nem como caça-clique puro e simples, mas como formulação que tenta tocar uma contradição real do presente que envolve a entrada cada vez mais explícita, organizada e normalizada de posições reacionárias, neoliberais e, em alguns casos, declaradamente bolsonaristas (neofascista) no interior de um campo cultural que durante muito tempo foi lido, inclusive por setores progressistas, como se carregasse um sentido histórico de contestação.

A resposta de Criolo, tal como circulou, foi a seguinte, em seus momentos centrais: “isso aí sempre existiu”; “talvez usasse outras nomenclaturas, outras formas”; “é óbvio que isso vai chegar no rap, porque o rap é uma energia colossal”; “o rap não tem barreira, não tem fronteira”; “algumas pessoas também entendem que se expressar dentro da linguagem rap”; “o que a gente faz é um rap de rua, um rap que vem do Grajaú e que provoca transformação, como transformou a minha vida”; “são 38 anos de caminhada”; “o rap te apresenta um desejo de transformação”; “eu acho que a gente vai colidindo com os nossos sonhos, esbarrando em alguns abismos, ultrapassando esses abismos e seguindo”. Em seguida, a postagem que repercutiu o trecho arremata a cena com um elogio ao tom do artista, descrevendo-o como alguém de “postura calma e madura de um sábio, que conhece bem as contradições da vida”. Aí já não estamos apenas diante de um conteúdo, mas diante de uma moldura interpretativa que tenta orientar previamente a recepção do que foi dito e isso não é projetado gratuitamente, óbvio...

O meu ponto de partida é que essa fala não enfrenta o problema do rap de direita; ela o neutraliza. E a neutralização não acontece por ignorância grosseira, por ausência de repertório ou por burrice política, mas por uma operação discursiva sofisticada, conciliadora, experiente, própria de quem aprendeu a administrar contradições sem permitir que elas cheguem a ferir o lugar estável que ocupa na cena cultural. A resposta de Criolo tem inteligência verbal, gravidade serena e o timbre da maturidade e precisamente por isso merece uma crítica mais rigorosa, porque sob a aparência da sabedoria se organiza uma diluição conceitual do problema. A primeira operação está logo na frase “isso aí sempre existiu”. À primeira vista, o raciocínio parece razoável: as periferias nunca foram homogêneas, o conservadorismo sempre teve presença entre trabalhadores, o ressentimento social nem sempre desemboca em formulação emancipatória, e a adesão popular a valores reacionários antecede em muito a conjuntura recente. Tudo isso é verdadeiro em algum nível. O problema é que, enunciado desse modo, o verdadeiro funciona como esconderijo do essencial. Dizer que “sempre existiu” é empurrar para o plano da permanência antropológica aquilo que deveria ser explicado historicamente em sua forma específica atual. É pegar um processo novo e dissolvê-lo numa generalidade tão larga que ele deixa de ser um problema determinado.

Eu não nego, evidentemente, que já houvesse antes sujeitos conservadores no rap, ouvintes reacionários, artistas moralistas, figuras individualistas, religiosos autoritários, apologias da ascensão isolada, machismos brutais e todo tipo de contradição incubada no

interior desse universo. Seria pueril imaginar o rap do passado como bloco puro, homogêneo, incontaminado. O que me interessa não é a simples presença de contradições desde sempre, mas a mudança de escala, de forma, de intensidade e de função histórica dessas posições no presente. Quando se fala hoje em "rap de direita", não se está nomeando apenas o fato banal de que existem rappers conservadores. Fala-se de um ambiente muito mais amplo, no qual empreendedorismo, meritocracia, culto à vitória individual, monetização da identidade periférica, conversão da experiência de exclusão em prova de excelência competitiva, aproximação com influenciadores liberais, circulação em ecossistemas bolsonaristas e adaptação da linguagem da rua ao mercado de opinião se combinam numa gramática relativamente coerente. Isso tem forma histórica própria, não pode ser tratado como mera repetição eterna da heterogeneidade social.

Criolo, ao escolher a fórmula da continuidade absoluta, suspende a necessidade de periodização. E, sem periodização, não há crítica histórica, apenas comentário moral sobre a complexidade humana. Esse é o primeiro problema de sua resposta: ela troca a determinação histórica pela sabedoria vaga. Em vez de perguntar o que aconteceu ao rap brasileiro nas últimas duas décadas, em vez de perguntar como a expansão mercantil do gênero alterou seu horizonte de elaboração, em vez de perguntar como a extrema direita aprendeu a disputar sensibilidades populares que durante muito tempo foram lidas como patrimônio automático da esquerda, ele nos oferece uma verdade tão abstrata que já vem domesticada: o mundo sempre foi contraditório. Sim, o mundo sempre foi contraditório; mas justamente por isso o dever da análise é mostrar como a contradição se organiza em cada época, e não contemplá-la como paisagem eterna.

A segunda operação está concentrada na imagem do rap como "energia colossal", sem barreiras e sem fronteiras. Há, no trecho, uma aparente generosidade, quase uma abertura democrática ilimitada, como se o rap fosse uma força vital tão vasta e tão potente que necessariamente atrairia todos os tipos de sujeitos, posições e discursos. O efeito desse raciocínio é profundo, porque ele transforma uma forma histórico-social concreta numa espécie de substância universal de expressão. O rap deixa de ser compreendido como linguagem produzida por uma experiência determinada da vida urbana, da racialização, da violência policial, da precariedade, da sociabilidade periférica e da luta por nomeação do sofrimento social, para aparecer como plataforma neutra de manifestação de qualquer conteúdo. Ora, essa neutralização da forma é uma das marcas do nosso tempo. Quando uma linguagem historicamente situada passa a ser pensada como

simples “energia”, a historicidade que a constituiu desaparece, e com ela desaparece também a possibilidade de distinguir entre apropriação contraditória e continuidade substantiva. Tudo pode caber em tudo. Tudo vira fluxo de expressão. A política cede lugar à circulação. A forma perde memória. E, no instante em que isso acontece, não se pode mais perguntar seriamente o que se conserva e o que se rompe quando um campo cultural nascido da negatividade social é invadido por enunciados compatíveis com a ordem. A resposta já está pronta: cabe também, porque o rap não tem fronteira.

Não podemos aceitar esse argumento sem resistência. Não por querer patrulhar uma pureza impossível do gênero, mas porque o rap não é uma língua vazia, à disposição indistinta de qualquer projeto. Sua história concreta, no Brasil e fora dele, está ligada a determinadas experiências sociais e a certas funções como a denúncia, autoinscrição, elaboração da violência, nomeação do abandono, invenção de dignidade, disputa de memória, construção de voz por sujeitos sistematicamente desautorizados. Isso não significa que todo rap seja automaticamente emancipatório, tampouco que todo artista vindo da periferia seja progressista. Significa apenas que existe um campo de tensões em que determinadas inflexões não podem ser banalizadas como se fossem apenas variações naturais de uma energia infinita. Há momentos em que a forma é tensionada de dentro; há outros em que ela é colonizada por conteúdos que a convertem em veículo de integração ideológica. E uma crítica séria precisa saber distinguir esses níveis.

Quando Criolo afirma que “algumas pessoas também entendem que se expressar dentro da linguagem rap”, ele dá mais um passo nessa dissolução. O problema não é a apropriação reacionária de um repertório historicamente forjado em experiências de antagonismo; o problema é somente o fato neutro de que pessoas diversas escolhem uma determinada linguagem para se expressar. Outra vez, tudo se converte em direito de manifestação individual e a questão das mediações históricas some. É como se bastasse notar que seres humanos diferentes falam por meio do rap para que a discussão estivesse encerrada. A política recua, a sociologia empobrece, a história evapora. Mas a resposta de Criolo não se limita a isso. Depois de diluir o problema na eternidade da contradição e na abstração da “energia colossal”, ele reintroduz um núcleo de autenticidade autobiográfica: “o que a gente faz é um rap de rua”, “um rap que vem do Grajaú”, “que provoca transformação”, “como transformou a minha vida”, “38 anos de caminhada”. Esse movimento é bastante hábil. O artista não analisa o fenômeno externo; ele direciona a cena para o testemunho da própria trajetória. E, ao fazê-lo, produz uma blindagem ética

para sua fala. Afinal, quem ousaria contestar a legitimidade de uma experiência real de transformação, marcada por décadas de percurso, por origem periférica, sobrevivência material e simbólica? O testemunho funciona como garantia de autoridade.

Eu não contesto a densidade da trajetória de Criolo, nem sua importância histórica, nem a força social de parte de sua obra, nem o fato de o rap ter sido, para ele e para milhões, uma forma real de reorganização subjetiva diante da brutalidade da vida. O problema é outro: a passagem do estrutural ao existencial pode funcionar como álibi quando uma questão histórica mais dura está em jogo. Em vez de examinar o rap de direita como expressão contemporânea de reorganização ideológica da cultura periférica sob hegemonia neoliberal, a resposta se refugia na memória pessoal da transformação. O sujeito real, concreto, respeitável, toma o lugar da análise. E o que deveria ser pensado como processo social é vendido como verdade íntima, o que é relevante porque o rap contemporâneo, em larga medida, passou a celebrar exatamente a narrativa da transformação individual como horizonte suficiente de sentido. O sujeito que venceu, que se moveu, que saiu do lugar em que estava, que converteu adversidade em potência, que aprendeu a "ganhar o jogo", tornou-se uma figura hegemônica. A autobiografia, transformada em ideologia, recorta a realidade de um modo que a estrutura desaparece atrás da exceção. Quando Criolo fala de si para responder à questão do rap de direita, ele não mente; mas seleciona um ponto de vista a partir do qual o problema se reabsorve numa fenomenologia da caminhada, dos abismos, da coragem, dos sonhos. É belo, é humano, é até comovente, mas é insuficiente.

Também nos chama atenção o modo como a ideia de "transformação" aparece em sua fala. A palavra retorna como valor universal positivo, quase indiscutível. O rap teria apresentado a ele "um desejo de transformação". Só que transformação é um signo vazio se não se pergunta em que direção, por quais mediações, sob que forma social, com quais limites e em benefício de quem. A direita inteira, hoje, fala em mudança. O empreendedorismo fala em mudança. O coach fala em mudança. O mercado fala em transformação. Plataformas, startups, gurus financeiros, políticos ultraliberais, todos falam em transformação. O léxico da mudança foi absorvido pela ordem. Portanto, uma defesa genérica do rap como vetor de transformação não basta para preservar seu sentido histórico. O problema não está em afirmar a possibilidade de mudança, mas em saber se essa mudança é pensada como reorganização coletiva da vida ou como administração individual competitiva da escassez.

O rap de direita não me parece um acidente exótico, nem uma aberração simplesmente externa ao gênero. Ele é, em larga medida, um desdobramento das próprias condições históricas que remodelaram o campo do rap nas últimas décadas: profissionalização sob lógica empresarial, expansão de marcas e selos, centralidade da performance de sucesso, monetização das imagens de origem, pedagogia do investimento em si, substituição progressiva da negatividade social pela positividade da conquista. Isso não significa que todo artista bem-sucedido seja de direita, nem que toda profissionalização seja capitulação. O que significa é que a forma social dominante do sucesso no capitalismo contemporâneo empurra a cultura para narrativas nas quais o triunfo pessoal se torna medida de verdade. E é nesse campo que a direita floresce com facilidade, porque ela oferece a gramática ideológica mais compatível com esse tipo de subjetivação. Quando a crítica ao Estado, por exemplo, deixa de se articular à crítica do capital, ela desliza facilmente para o moralismo antipolítico ou para o ultraliberalismo vulgar. A polícia é violenta, o poder público é corrupto, o sistema não ajuda, ninguém faz nada por nós: tudo isso pode perfeitamente desembocar numa consciência combativa à esquerda; mas também pode desembocar, se mediado por outra lógica, na conclusão segundo a qual o único caminho é a autossalvação competitiva, a desconfiança de toda política coletiva, a demonização de qualquer redistribuição e a glorificação dos vencedores. O ressentimento social é politicamente ambivalente. A revolta não traz inscrito no corpo o seu destino histórico. Sem mediações teóricas, organizativas e coletivas, a energia de revolta pode ser sequestrada por projetos regressivos. Esse é justamente um dos fatos centrais do nosso tempo.

Ao responder como respondeu, Criolo não toca nesse núcleo. Ele reconhece a contradição, mas não a determina, admite a heterogeneidade, mas não a historiciza, invoca a transformação, mas não a qualifica, protege o rap como experiência existencial, mas não examina seriamente a reorganização material do campo. E há mais: o tom “calmo e maduro de um sábio”, celebrado na legenda da postagem, não é neutro. Essa estetização da sabedoria funciona como dispositivo de amortecimento crítico. O sábio é aquele que paira acima dos conflitos, aquele que conhece a vida, que não se deixa arrastar pelas polarizações excessivas, aquele que vê nuance onde os demais veem antagonismo. Em muitos casos, essa posição pode de fato traduzir profundidade. Em outros, ela se torna apenas a forma elegante da conciliação. Criolo não cultiva uma calma qualquer, mas a calma de quem se encontra suficientemente legitimado para não precisar entrar no

conflito em termos agudos. O sábio fala alto sem elevar a voz. E exatamente por isso sua fala pode desarmar a crítica com mais eficácia do que a fala tosca de um liberal explícito. A sabedoria conciliadora não precisa defender abertamente o avanço reacionário; basta tratá-lo como fatalidade antiga, consequência natural da abertura infinita do rap e expressão banal das contradições humanas, pacificando o problema.

Esse ponto me parece ainda mais importante porque Criolo ocupa uma posição de destaque na história recente da música brasileira. Sua trajetória concentrou a passagem de um rapper profundamente enraizado no circuito periférico paulistano para uma figura capaz de dialogar com MPB, festivais, imprensa cultural de prestígio, circuitos internacionais, premiações, campanhas e grandes palcos, sem perder inteiramente a imagem de vínculo com o rap de origem. Essa posição de ponte foi longamente celebrada por muitos setores como triunfo cultural. E de fato ela produziu efeitos relevantes. Mas toda ponte é também lugar de mediação tensa. Quem circula por ela aprende a falar para universos distintos, a atenuar arestas, a formular verdades capazes de sobreviver em contextos de recepção heterogêneos. Há ganhos nisso, mas há também um custo. Às vezes, a contradição real do processo histórico é vista apenas como ruído inconveniente a ser administrado pelo discurso maduro. Não por acaso, a resposta de Criolo soa tão adequada ao circuito de circulação em que foi publicada, pois preserva o rap como força simbólica positiva, reconhece a existência de diferenças, evita demonizações grosseiras, convoca a autobiografia legítima, produz uma aura de experiência e fecha sem ruptura. É o tipo de fala que permite reconhecimento transversal: o público mais politizado pode ler ali uma vaga lembrança da complexidade social; o público mais despolitizado pode apenas admirar a serenidade do artista; o mercado cultural não se sente ameaçado; o campo do rap não é frontalmente criticado por uma nomeação incômoda de seus impasses presentes. Tudo permanece de pé, funcional e lucrativo. Por isso essa fala deve ser criticada. Não porque devemos esperar do artista uma pureza doutrinária, nem querer transformá-lo em bode expiatório das misérias do campo, mas porque certos lugares de prestígio produzem responsabilidades analíticas.

Um artista da estatura de Criolo, ao ser perguntado sobre o rap de direita, poderia ter feito algo mais exigente. Poderia ter reconhecido a heterogeneidade periférica sem dissolver a historicidade do presente. Poderia ter lembrado que posições conservadoras sempre existiram, mas sublinhando que hoje elas são reorganizadas por plataformas, algoritmos, empreendedorismo cultural e ofensiva ideológica da extrema direita. Poderia

ter dito que o rap, sendo linguagem nascida de experiências históricas determinadas, não é terreno neutro, e que a apropriação reacionária dessa linguagem mostra algo sobre a derrota parcial das mediações coletivas no interior da classe. Poderia, enfim, ter aproveitado a pergunta para iluminar um problema, e não para dissolvê-lo numa filosofia genérica da caminhada.

Não se trata de exigir demais de uma resposta breve, feita em ambiente de circulação rápida, na saída de um show, diante de um recorte de rede social. Eu compreendo a objeção. Mas mesmo respostas breves escolhem suas linhas de força, e as linhas de força aqui são muito eloquentes e o problema não é a falta de completude, e sim a direção da operação discursiva. Em poucos segundos é possível, sim, apontar com mais precisão para o caráter historicamente novo do fenômeno. Não era necessário dar aula, apenas não neutralizar. O que importa, portanto, não é a duração do vídeo, mas o tipo de elaboração que ele condensa. Há uma diferença fundamental entre reconhecer contradições e historicizá-las. A fala de Criolo reconhece, mas não historiciza. E, ao não historicizar, ela converte o avanço de posições reacionárias no rap em simples manifestação eterna da diversidade humana. Isso empobrece a crítica e, no limite, ajuda a normalizar o que deveria ser enfrentado com maior dureza conceitual. O rap de direita não é apenas mais uma cor no mosaico da periferia, mas sim um sintoma de uma transformação mais ampla em como a cultura popular vem sendo regida por racionalidades neoliberais, pelo colapso de horizontes coletivos e captura mercantil de linguagens nascidas da negatividade.

A fala é reveladora não apenas pelo que diz, mas pelo que não consegue mais dizer. Ela mostra, em sua serenidade, um ponto de saturação de certa figura do artista crítico institucionalizado: alguém que ainda preserva signos de autenticidade periférica e memória de transformação, mas que responde às tensões históricas do presente por meio de uma linguagem conciliadora, universalizante, existencial, em que a análise perde precisão e a contradição se transforma em sabedoria. O que se oferece como maturidade pode ser, na verdade, um elegante recuo.

No fundo, o problema dessa fala está em que ela substitui a crítica social pela contemplação da complexidade humana. E esse é um movimento profundamente característico do nosso tempo: a estrutura se dissolve em experiência, a história em sensibilidade, o conflito em nuance, o antagonismo em heterogeneidade, a política em maturidade. Contra isso, eu insisto na necessidade de recolocar o debate onde ele deve estar: o rap de direita não é apenas prova de que pessoas periféricas podem ser

conservadoras, coisa que ninguém sério deveria ignorar; ele é índice de uma mutação histórica da vida cultural das classes subalternas, mutação inseparável da mercantilização ampliada da experiência, da derrota parcial de mediações coletivas e da eficácia contemporânea da ideologia da vitória individual. Se a crítica quiser estar à altura do presente, terá de abandonar a comodidade dessa sabedoria apaziguadora e nomear com mais clareza o que está em jogo. Terá de reconhecer que há, sim, algo novo sob o sol, ainda que o novo se alimente de velhas contradições. E terá de dizer, sem medo do conflito, que entre o rap como forma de elaboração da vida ferida e o rap como veículo de integração à ordem existe uma disputa real, dura, concreta, histórica, que não se resolve com a frase segundo a qual "isso sempre existiu". Essa frase talvez acalme os ouvidos. Mas ela não explica o mundo.

Arthur Moura